



Os saborosos crimes

Marina Ruivo¹

Resenha de:

CHAUVIN, Jean Pierre. **Crimes de festim**: ensaios sobre Agatha Christie. São Paulo: Todas as Musas, 2017.

Ao ler o mais novo livro de Jean Pierre Chauvin, *Crimes de festim: ensaios sobre Agatha Christie*, fui levada de modo quase inevitável ao meu passado como leitora. Mais especificamente, aos meus 13 ou 14 anos, quando li muitos títulos da escritora inglesa, geralmente em edições de bolso feitas em papel-jornal.

E quando digo que fui levada, falo também no sentido literal, porque não fiquei só na lembrança dos mergulhos nesses livros, senão que fui à casa de meus pais, busquei pelas chaves do armário da sala de jantar que não era aberto há tempos, subi numa cadeira para alcançar suas portas, abri-las com cuidado e, por fim, me deparar com a coleção novamente. Toda lá! Vários e vários livros de Agatha Christie. Passei a relê-los um a um, fisgada pela compulsão que a boa ficção policial nos provoca, mas também conscientemente freando essa compulsão, a fim de prestar detida atenção nos tantos meandros para os quais Jean Pierre joga luz.

Esse, para mim, um dos grandes méritos do livro do professor de Cultura e Literatura Brasileira da Escola de Comunicações e Artes da USP: o chamado praticamente irresistível que ele nos faz para travar contato direto com seu objeto de estudo, um objeto que ao mesmo tempo já é nosso conhecido, mas para o qual não costumamos direcionar nossos olhares críticos. Jean Pierre Chauvin, assim, faz um convite para que nos voltemos a esses livros completamente despidos de preconceitos. Não é por serem *best-sellers*, ele nos diz, que eles não merecem um estudo crítico. Muito ao contrário, já que compreender o que faz deles *best-sellers*, em termos estéticos internos, é algo de grande interesse. Isso sem contar outro fato para o qual ele também nos alerta: não é por se tratar de *best-sellers* de uma mesma autora que todos os livros são idênticos. Nada do que poderíamos ingenuamente supor se verifica, e em seus ensaios o crítico revela isso detalhadamente.

Ao reler Agatha Christie a partir das lentes que Chauvin fornece, pude atentar para aspectos que jamais suporia presentes nessa ficção, como a figuração tão perspicaz do sofrimento angustiante das mulheres submetidas ao poder repressor do marido, como



¹ Professora substituta do curso de Letras da Unesp de Assis e professora do Centro de Estudos Latino-Americanos de Comunicação e Cultura (Celacc) da USP. Doutora em Literatura Brasileira pela USP.

se dá com a personagem Gerda Christow, do romance *A mansão Hollow*. A personalidade complexa e conflituosa dessa mulher foi traçada com indubitável maestria por Christie e é debatida em profundidade no último dos quatro ensaios que compõem *Crimes de festim*, intitulado “A angústia de Gerda Christow (*A Mansão Hollow*)”. Na discussão, são levantados alguns elementos sobre o lugar do feminino na ficção da Dama do Mistério, abrindo portas para novas e necessárias investigações. Uma pista significativa é dada pela informação de que uma personagem submissa como Gerda é exceção em uma produção que traz, geralmente, mulheres desempenhando papéis de destaque, mais autônomas e independentes.

Ainda com relação a tais questões, o pesquisador chama a atenção para o fato de que a própria ficção policial foi um gênero que abriu espaço para a escrita feminina, e assim o número de escritoras inglesas policiais de sucesso aumentou muito a partir dos anos 1920.

Chauvin volta seu olhar especialmente para quatro livros, sendo três deles com a presença do famoso detetive Hercule Poirot: *Poirot perde uma cliente*, *Encontro com a morte* e *A mansão Hollow*. O quarto romance estudado é o célebre *O caso dos dez negrinhos*, no entanto, ao longo de seus ensaios, o crítico tece uma série de relações com muitos outros romances de Christie. Sua abordagem dialoga com outros estudiosos da obra da autora, quase todos estrangeiros – pois praticamente não há abordagens brasileiras –, e com críticos e teóricos como E.M. Forster e Mikhail Bakhtin.

O autor se debruça sobre vários aspectos narrativos, como a forma de construção das personagens, a configuração do enredo, ou o diálogo que essa ficção estabelece com a psicanálise – e, nesse tocante, é fundamental a observação de que, enquanto Sherlock Holmes buscava os indícios materiais deixados pelos criminosos, Poirot buscava a *motivação* para o crime. Seu método, portanto, é o de buscar conhecer os suspeitos internamente e em profundidade. Não deixa de ser curioso, ademais, saber que Freud era um grande leitor de Agatha Christie, como nos conta Jean Pierre.

A leitura de *Crimes de festim* é extremamente saborosa, e seu autor cumpriu plenamente a tarefa a que se propôs, delineando caminhos de interpretação dessa obra fascinante e fazendo-o de modo que sua discussão seja acessível aos interessados no assunto, sem que eles necessariamente sejam versados nos vários debates da teoria literária. Nesse sentido, uma das coisas que me parecem um grande acerto foi a opção por deixar questões mais teóricas ganharem um espaço maior nas notas ao final do livro, sem atrapalhar a fluência do texto.

Outra escolha muito sábia foi a de abordar os livros sem privar os leitores do principal elemento que os alimenta: o mistério. Assim, Chauvin conseguiu a (para mim incrível) façanha de tratar deles criticamente, analisá-los, interpretá-los, sem tocar no ponto fulcral do enredo: Quem é afinal o assassino, em cada um dos quatro romances? Logo, caso o leitor de seu estudo crítico não tenha lido os romances focalizados, ou os tenha lido há tempos e não recorde mais a solução do mistério, não será privado desse prazer.

Para dizer em termos atuais, não há *spoiler* nesses *Crimes de festim*, uma opção mais que acertada porque não foge do ponto que é essencial em qualquer leitura literária: o prazer. Ao pensarmos na formação de leitores, não há como não considerar o

importantíssimo papel que o mistério desempenha, movendo a leitura. O romance policial, como Chauvin nos faz ver em vários momentos de suas reflexões, alimenta o prazer de seguir lendo a história, para saber quem é o assassino, ao mesmo passo que, justamente porque sabemos que ao final saberemos quem ele é, conforta os leitores – tendo em vista que, na vida real, as coisas dificilmente são tão estruturadas e resolvidas quanto na ficção.

Ao manter o foco no prazer literário, o livro de Chauvin me levou não só ao meu passado de leitora, mas também me instigou a pensar nosso presente e nosso futuro no campo do ensino da leitura. Afinal, Agatha Christie é um fenômeno até hoje. Por que não trabalhar com seus livros em sala de aula, agindo, portanto, a favor do prazer da leitura e contra a sua transformação em obrigação?

Mais uma vez Jean Pierre Chauvin marcou gol, ao ministrar uma disciplina sobre os romances da escritora no curso de Editoração da ECA/USP. Que essa disciplina possa inspirar outras afins, em cursos de Letras e Pedagogia, e movimente a importantíssima discussão do ensino da leitura.